

Estudo de Conflitos de Usos Múltiplos da Água Utilizando Simulação Computacional

Luciana Silva Peixoto, Frederico Fábio Mauad

Departamento de Hidráulica e Saneamento, EESC/USP

Av. Trabalhador São-carlense, 400 – Caixa Postal 359 CEP 13560-970, São Carlos, SP.- lpeixoto@sc.usp.br

Recebido: 02/10/02 – revisado: 23/04/03 – aceito: 11/09/03

RESUMO

É indiscutível a importância da disponibilidade hídrica, tanto quantitativa como qualitativa, no desenvolvimento adequado de uma região. Não só o déficit desse recurso como também o seu excesso são igualmente problemáticos e devem ser vistos de uma maneira mais realista e séria. Portanto, são necessárias ações eficientes referentes ao planejamento e gestão dos recursos hídricos, a fim de garantir a disponibilidade da água, visando à proteção, à recuperação e à conservação desse recurso. Neste artigo, busca-se analisar os conflitos gerados no aproveitamento de usos múltiplos da água em uma bacia hidrográfica do Estado de São Paulo, considerando-se o cenário atual e o futuro, com a implementação de três pequenas centrais hidrelétricas (PCHs). Através da aplicação de um modelo de simulação computacional são calculados índices de desempenho, ou seja, a confiabilidade, a resiliência e a vulnerabilidade, do sistema.

Palavras-chave: *simulação computacional, usos múltiplos da água, gerenciamento recursos hídricos.*

INTRODUÇÃO

A água num ecossistema varia de forma quantitativa e qualitativa com o tempo e no espaço. A demanda de água atende usos múltiplos, variando sazonalmente e de forma não totalmente previsível. A variabilidade temporal, espacial, quantitativa e qualitativa, tanto da disponibilidade, como da demanda, leva à necessidade de estudos de problemas complexos de planejamento e gestão dos recursos hídricos.

Os avanços tecnológicos computacionais, juntamente com o aumento da complexidade dos problemas de planejamento e gerenciamento de recursos hídricos, têm incentivado o desenvolvimento e aperfeiçoamento de vários modelos matemáticos que auxiliam na tomada de decisão. Yeh (1985) apresenta uma extensa revisão de modelos de otimização e simulação. Modelos como o HEC-5 (1976), SIMYLD-II (Texas Water Development Board, 1970), ACRES (Sigvaldason, 1976), MODSIM (Labadie et al., 1984), DWRSIM (Chung et al., 1989) e WATHNET (Kuczera, 1990) têm sido amplamente utilizados por pesquisadores do mundo todo, para auxiliar no planejamento de sistemas de recursos hídricos. Dentre os diversos modelos de simulação computacional, o modelo de simulação IRAS – *Interactive River-Aquifer Simulation*, desenvolvido pela Universidade de Cornell, Ithaca, NY, tem-se apresentado como um pacote computacional bastante utilizado no estudo quantitativo e qualitativo de sistemas de recursos hídricos simples e/ou sistemas de usos múltiplos e conflitantes. Bennet et al. (1994) aplicaram o

modelo IRAS na bacia hidrográfica Raritan, onde os maiores desafios eram: o uso integrado de água superficial e subterrânea, a manutenção de vazões mínimas ao longo do rio Raritan e o planejamento de estratégias necessárias para garantir o fornecimento de demandas futuras. O programa IRAS também foi utilizado por Mauad (2000) na análise do confronto de usos múltiplos da água do aproveitamento hidroelétrico de Alqueva, em Portugal.

Este artigo apresenta a aplicação de um modelo de simulação computacional como ferramenta na análise do conflito de usos múltiplos da água, utilizando um caso de estudo real. São calculados os indicadores de desempenho do sistema, ou seja, a confiabilidade, a resiliência e a vulnerabilidade para os cenários considerados. O objetivo principal deste trabalho é analisar os conflitos gerados na bacia hidrográfica do Rio Sapucaí, com a implantação de três pequenas centrais hidrelétricas (PCHs).

ESTUDO DE CASO: BACIA DO SAPUCAÍ/GRANDE

A bacia do Sapucaí/Grande está localizada à noroeste do Estado de São Paulo, abrangendo uma área de drenagem de 9.077 km². A bacia apresenta como principais cursos d'água os rios Sapucaí, Grande, das Canoas, do Carmo, Ribeirão do Pinheirinho e Córrego do Esmeril.

O Rio Sapucaí drena uma área total de 650 km² e o comprimento do rio foz-nascente é de 337 km. Desde a sua nascente, o Rio Sapucaí atravessa os municípios de Altinópolis, Patrocínio Paulista, Franca, Batatais, Nupo-

ranga, São Joaquim da Barra, Guará e Ituverava, desembocando no Rio Grande entre os municípios de Guaíra e Miguelópolis (Relatório Final do Projeto Básico - CPFL, 2001).

Segundo o Comitê da Bacia Hidrográfica do Sapucaí-Mirim/Grande (CBH-SMG 1999), a bacia compreende municípios de pequeno e médio porte, à exceção do município de Franca, que possui uma população superior a 250.000 habitantes, representando cerca de 48% da população total da bacia. A demanda de água para o consumo urbano é da ordem de 1,27 m³/s.

Alguns municípios desta região têm suas atividades econômicas sustentadas pela agricultura, tais como os municípios Guaíra, Ipuã, Miguelópolis (cultivo de grãos), São Joaquim da Barra, Igarapava (cana-de-açúcar), Franca e Pedregulho (plantações de café). Conforme os dados de consumo dos diversos usuários da bacia (Tab. 1), obtidos junto ao Plano Estadual de Recursos Hídricos (PERH/2000-2003) do Estado de São Paulo, o uso de água na irrigação é bastante expressivo, cerca de 9,86 m³/s, se comparado aos demais usos, representando aproximadamente 87,2% da demanda total de água. Além das atividades agrícolas, há na região a presença de algumas indústrias diversificadas em nove ramos de atividades, sendo predominante as indústrias de curtume, correspondendo a 44% do total de indústrias. A demanda hídrica para o abastecimento industrial é de cerca de 0,17 m³/s.

Tabela 1 – Demandas de água na Bacia do Sapucaí/Grande

Uso	Vazões (m ³ /s)
Doméstico	1,27
Industrial	0,17
Irrigação	9,86

Fonte: PERH (2000-2003).

Diversos estudos de implementação de aproveitamentos hidrelétricos ao longo do Rio Sapucaí vêm sendo desenvolvidos desde o início do século XX. Tais estudos conduziram à construção de duas pequenas centrais hidrelétricas (PCHs), em operação, denominadas Dourados e São Joaquim, de propriedade da Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL). O principal objetivo dos futuros aproveitamentos é o de conectar novas usinas do Rio Sapucaí ao sistema existente, gerando melhorias nos atuais níveis de suprimento energético da região.

DESCRIÇÃO DO MODELO

Desenvolvido pela Resources Planning Associates, INC. e pela *University of Cornell, Ithaca, NY*, em 1994, o

modelo IRAS – *Interactive River-Aquifer Simulation*, utilizado neste artigo como ferramenta para o planejamento e gerenciamento de um sistema hídrico, permite a simulação de diversos usos com variações temporal e espacial. A versão do modelo IRAS descrita neste artigo trabalha no ambiente DOS, mas pesquisadores da Universidade de Cornell estão trabalhando em uma nova versão do modelo IRAS com interface com o Windows/Microsoft. O programa IRAS pode ser utilizado na avaliação não só do desempenho de qualquer configuração de um sistema específico, como também do conjunto de políticas operacionais. No entanto, ele não é capaz de identificar as alternativas ou política operacional do sistema.

O modelo se baseia em balanços de massa de quantidade de água e de cargas poluentes, levando em consideração fenômenos como a evaporação, a infiltração, o crescimento ou decréscimo de cargas poluentes por transformações químicas e/ou biológicas (Carmo¹ apud Mauad, 2000). Em cada nó e em cada etapa de tempo de simulação são realizados balanços de massa.

No programa IRAS, um sistema hídrico é representado esquematicamente através de uma rede de fluxo. O sistema hídrico do rio Sapucaí foi representado por uma rede de nós e arcos, conforme mostrado na Fig. 1. Os nós representam reservatórios (Dourados, São Joaquim, Palmeiras, Anhanguera e Retiro), junção entre rios (Sapucaí e Ribeirão do Buriti), postos fluviométricos e locais de demanda (Urb.e Ind.1, Urb. e Ind.2, Irrigação e Jusante). Os arcos representam rios naturais (Rio Sapucaí e seu afluente, o Ribeirão do Buriti).

As unidades de entrada e de saída de todas as variáveis de fluxo, de volume de armazenamento e geração de energia elétrica são inteiramente definidas pelo usuário. Neste estudo de caso, considerou-se intervalo de simulação mensal, bem como vazões mensais e os volumes em milhões de m³.

Através de uma interface gráfica são realizadas, no IRAS, a entrada de dados, a operação do modelo e a leitura e análise dos resultados. Essa interface facilita a interação do usuário não só em entrar, editar e apresentar graficamente os dados, como também na operação do modelo, na produção e visualização de vários gráficos e nas análises estatísticas dos resultados da simulação. No Rio Sapucaí e o Buriti, situado no Ribeirão do Buriti. Em virtude da ausência de dados de séries históricas representativos em um dos postos, optou-se em realizar a geração de séries de vazões mensais, através do Modelo Multivariado Autoregressivo de 1ª ordem. Esses dados são utilizados pelo IRAS por meio de um arquivo de fluxo, de extensão .FLW. Para cada reservatório, definiu-se a sua

¹ Carmo, M. B. (1997). *Otimização e Simulação do Sistema Hidroelétrico do Alto Cunene*. Dissertação (Mestrado) – IST, UTL, Lisboa.

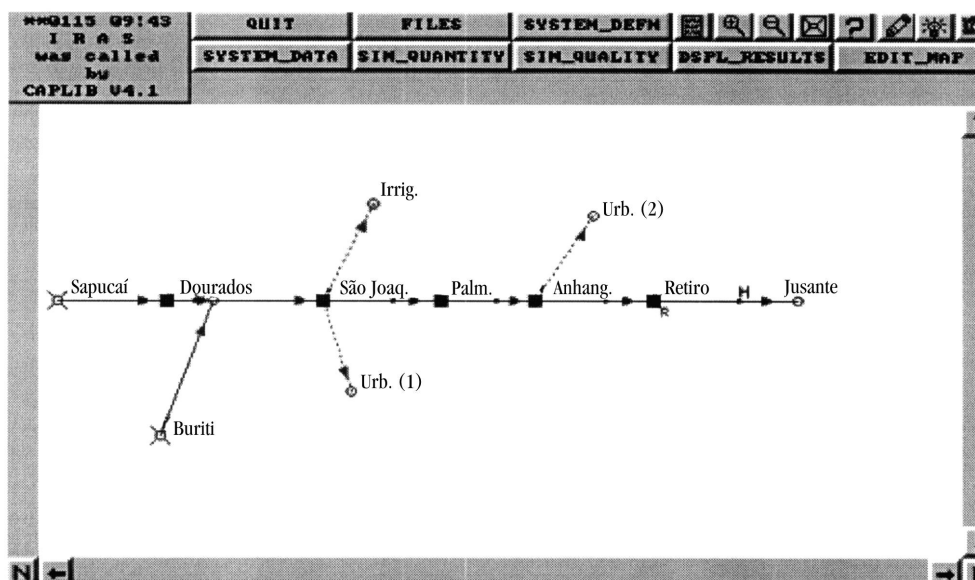


Figura 1 – Rede de nós e arcos do modelo IRAS utilizada no estudo.

capacidade de volume de armazenamento ativo total e volume de armazenamento inicial, vazão ou liberação mínima, a regra de operação do reservatório em função do volume armazenado e a taxa de evaporação anual. Para cada ponto de consumo, foram indicados os volumes de água a fornecer em cada intervalo de simulação (neste estudo, mensal), bem como as fontes de fornecimento de água e uma regra de prioridade de utilização dessas fontes.

Dados limites utilizados no modelo

Através do uso de valores limites iniciais, o modelo identifica quando e onde as variáveis do sistema podem estar em estado ou em escala não satisfatória. Atribui-se a cada variável simulada dois valores limites iniciais, que dividem os valores possíveis da variável em três seções ou zonas. A cada uma dessas zonas é atribuída uma cor, que pode ser verde (satisfatório), amarelo (advertência) ou vermelho (insatisfatório). O programa IRAS permite seis possíveis combinações de atribuição de cor, conforme pode ser visto na Tabela 2.

Neste estudo, considerou-se que a zona mais baixa de cada variável é definida como falha ou escala “vermelha”. Para todas as variáveis, com exceção das de armazenamento, a escala superior é a escala satisfatória ou “verde”. A zona média, entre as escalas vermelha e verde, re-

presenta a escala de aviso ou “amarela”. Ou seja, para todas as variáveis, exceto as de armazenamento, a alternativa 2 da tabela 2 foi escolhida. Para as variáveis de armazenamento, a escala baixa está definida como falha ou “vermelha”, a escala média como escala “verde” e a escala superior como escala “amarela”. Isto é, foi escolhida a alternativa 1 da Tabela 2.

Índices de desempenho

Visando proceder à avaliação do desempenho de projetos alternativos e políticas operacionais de sistemas de recursos hídricos, o modelo IRAS apresenta um conjunto de potencialidades que permite aos usuários definirem e quantificarem critérios de desempenho (confiabilidade, resiliência e vulnerabilidade). O programa pode calcular e mostrar essas medidas estatísticas com respeito às funções, definidas pelo usuário, de fluxos e volumes de armazenamento, energia hidrelétrica, ou metas de concentração da qualidade da água em qualquer ponto do sistema (Taylor, 1998).

Em Hashimoto et al. (1982), as definições destes critérios são formuladas assumindo que o desempenho do sistema de recurso hídrico em questão pode ser descrito por um processo estocástico estacionário. Isto é, as distribuições de probabilidade que descrevem as séries de tempo de saída não mudam com o tempo.

Tabela 2 – Combinações alternativas de cor associadas às zonas de valores variáveis

Alternativa	1	2	3	4	5	6
Zona Elevada	Amarelo	Verde	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Amarelo
Zona Média	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde
Zona Baixa	Vermelho	Vermelho	Verde	Amarelo	Vermelho	Amarelo

A confiabilidade de um sistema pode ser descrita pela frequência ou probabilidade α que um sistema está em um estado satisfatório:

$$\alpha = \text{Prob}[X_t \in S] \quad (1)$$

Onde X_t é a variável aleatória que adota valores discretos no tempo t (1, 2, 3 ...) e S é o conjunto de todos os dados de saída satisfatórios.

A resiliência descreve o quão rapidamente um sistema recupera-se ou retorna de uma falha, uma vez que uma falha tenha ocorrido. A resiliência é uma medida da variável se encontrar no próximo período de tempo em uma zona mais satisfatória, estando no período de tempo anterior em uma zona insatisfatória. Este índice pode ser descrito pela seguinte expressão matemática:

$$y = \frac{\text{Prob}\{X_t \in S \text{ e } X_{t+1} \in F\}}{\text{Prob}\{X_t \in F\}} \quad (2)$$

Onde X_t é a variável aleatória que adota valores discretos no tempo t (1, 2, 3 ...), X_{t+1} é a variável aleatória que adota valores discretos no tempo $(t+1)$, S é o conjunto de todos os dados de saída satisfatórios e F é o conjunto de todos os dados de saída insatisfatórios (falha).

Assume-se que a variável de desempenho do sistema X_t pode assumir valores discretos x_1, x_2, \dots, x_n . Atribui-se a cada estado de falha discreto $x_j \in F$ um indicador numérico da severidade desse estado, denotado por s_j .

Além disso, seja e_j a probabilidade que x_j , correspondente a s_j , seja o resultado mais insatisfatório e severo dentro de um conjunto de estados insatisfatórios F . Então, e_j é igual a $\text{Prob}\{x_j\}$, correspondente a s_j , é o resultado mais severo em F .

A vulnerabilidade total do sistema seria a severidade máxima esperada dentro do conjunto de estados insatisfatórios:

$$v = \sum_{j \in F} s_j e_j \quad (3)$$

APLICAÇÃO E RESULTADOS

O modelo de simulação IRAS foi aplicado (Peixoto, 2002) como ferramenta de análise de conflitos de usos múltiplos da água gerados com a implantação de três novas PCHs, Palmeiras, Anhanguera e Retiro. Considerou-se neste estudo dois cenários. O primeiro cenário (Fig. 2) representa a situação atual do sistema hídrico, composto de dois cursos d'água, o Rio Sapucaí e o seu afluente, o Ribeirão do Buriti, e de duas usinas em operação, PCH Dourados e PCH São Joaquim.

O segundo (Fig. 3) corresponde, além das usinas em operação, a instalação das três novas usinas em projeto básico. Para ambos os cenários, são consideradas duas tomadas de água para o abastecimento urbano e industrial, sendo a primeira (Urb. Ind. 1) realizada no reservatório de São Joaquim e, outra (Urb. e Ind. 2), realizada no trecho do Rio Sapucaí (à jusante da PCH São Joaquim, para o cenário 1) e no reservatório de Anhanguera (para cenário 2). Também é considerada uma tomada d'água para irrigação no reservatório de São Joaquim.

Admitiu-se, também, um consumo de água à jusante das usinas, que corresponde ao consumo na irrigação nos municípios de Guairá, Ipuã e Miguelópolis, acrescido do consumo das cidades localizadas à jusante das PCHs

Os dados de entrada do modelo referentes às pequenas centrais hidrelétricas localizadas no trecho estudado do Rio Sapucaí estão apresentados na Tabela 3.

Os consumos urbano e industrial e à jusante considerados nos cenários 1 e 2 foram distribuídos igualmente ao longo do ano. A demanda de água para o abastecimento urbano e industrial 1 é de cerca de 5,68 milhões de m^3 por ano, enquanto que a demanda anual para o abastecimento urbano e industrial 2 é de cerca de 7,25 milhões de m^3 por ano. Estima-se que o consumo de água à jusante é de aproximadamente 220,8 milhões de m^3 por ano.

Em relação ao consumo de água na irrigação, considera-se um consumo anual de cerca de 94,6 milhões de m^3 . Por não se possuir dados sobre a distribuição do valor do consumo na irrigação ao longo do ano, três distribuições mensais de consumo são simuladas, representando as três hipóteses consideradas no estudo. O período seco

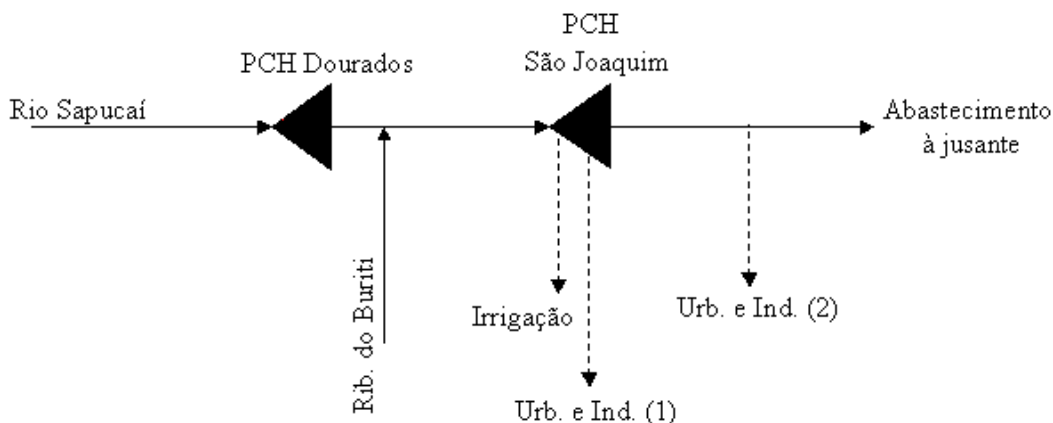


Figura 2 – Esquema do sistema simulado (cenário 1).

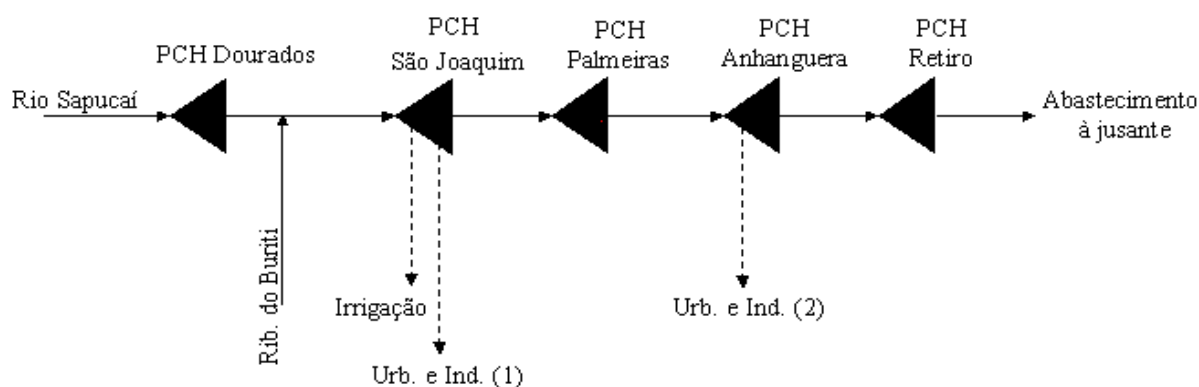


Figura 3 – Esquema do sistema simulado (cenário 2).

na região compreende os meses de abril a setembro. Admiti-se, na hipótese 1, uma distribuição igual do consumo na irrigação ao longo dos seis meses mais secos. Na hipótese 2, considera-se uma distribuição mais concentrada no trimestre mais seco (junho-julho-agosto). E, na hipótese 3, concentra-se o consumo de água na irrigação no trimestre mais seco do ano.

Além dos consumos citados acima, foram utilizados como dados de entrada do modelo, a taxa de evaporação mensal dos cinco aproveitamentos hidrelétricos. As usinas em estudo são operadas a fio d'água, ou seja, é mantido um nível de água constante. Portanto, como não há variações significativas no volume dos reservatórios, não se utilizou zonas de armazenamentos na definição da regra operacional. Considerou-se que os cinco aproveitamentos são operados interdependentemente como um grupo. A regra de liberação foi definida, no modelo IRAS, como uma função do armazenamento total do grupo de reservatórios.

As simulações foram realizadas para as três hipóteses consideradas, para as configurações do sistema simulado conforme mostradas nas figuras 2 e 3.

O modelo fornece dois tipos de confiabilidade e dois tipos de resiliência. A confiabilidade amarela (yellow reability) representa a probabilidade dos valores da variável se encontrarem na zona de advertência (amarela) e a confiabilidade verde (green reability) representa a probabilidade dos valores estarem na zona satisfatória (verde). A resiliência vermelha (red resilience) é a probabilidade da variável se encontrar no próximo período de tempo na zona verde ou na zona amarela, tendo estado no período de tempo anterior na zona vermelha. A resiliência amarela (yellow resilience) é a probabilidade da variável se encontrar no próximo período de tempo na zona verde, tendo estado no período de tempo anterior na zona amarela.

Os reservatórios de Dourados, São Joaquim e Anhangüera apresentam índices de confiabilidade variando

Tabela 3 – Dados principais das pequenas centrais hidrelétricas

Dados	Dourados	São Joaquim	Palmeiras	Anhangüera	Retiro
N.A. Montante ⁽¹⁾ (m)	587,34	582,65	556,00	540,50	523,00
N. A. Jusante ⁽²⁾ (m)	557,26	554,80	542,73	523,10	509,82
Área do reservatório ⁽³⁾ (km ²)	2,70	0,93	2,67	2,00	3,13
Volume acumulado total (hm ³)	0,035	2,00	16,50	12,00	16,46
Potência instalada (MW)	10,75	8,00	13,60	18,50	14,40

Fonte: Projeto Básico (Companhia Paulista de Força e Luz – CPFL, 2001).

de 100% a 60%. A resiliência para recuperação do sistema é de 29% (reservatório de Dourados), 56% (reservatório de São Joaquim) e 46% (reservatório de Anhangüera). De uma forma geral, o índice de vulnerabilidade nos reservatórios citados acima é baixo, devido, sobretudo, as pequenas dimensões dos reservatórios.

Para os consumos urbano e industrial 1 e 2, os melhores resultados obtidos (cenário 1) foram: confiabilidade amarela de 100% e verde de 59% e resiliência de 54% (Urb. e Ind. 1) e confiabilidade amarela de 100% e verde de 82% e resiliência de 81% (Urb. e Ind. 2). Na simulação do cenário 2, apenas em relação ao consumo urbano e industrial 2 foi observada uma pequena diferença: confiabilidade amarela foi de 100% e a verde de 86% e a resiliência de 89%. Os índices estatísticos obtidos para irrigação são muito próximos para as três hipóteses, com exceção da hipótese 3, que apresenta valores de confiabilidade amarela de 67% e verde de 41%, muito abaixo da faixa de valores mínimos de confiabilidade para irrigação, considerada por Vaz (1984).

Em relação à geração de energia elétrica das PCHs, Dourados, São Joaquim, Palmeiras, Anhangüera e Retiro, observam-se, na simulação dos dois cenários considerados, índices de confiabilidade muito altos, variando de 100% a 89% e, baixos índices de vulnerabilidade (3% a 6%).

CONCLUSÕES

Neste artigo, consideraram-se duas séries de afluentes e três hipóteses sobre a distribuição ao longo do ano do consumo de irrigação. As simulações foram realizadas para dois cenários considerados. O cenário 1 representa a situação atual do sistema de recursos hídricos em estudo, enquanto que o cenário 2 representa a situação futura, ou seja, com a instalação de três novas pequenas centrais elétricas, PCH Palmeiras, PCH Anhangüera e PCH Retiro, no sistema hídrico em estudo.

Analisando os resultados de saída do modelo, observa-se que os índices de desempenho, ou seja, a confiabilidade, a resiliência e a vulnerabilidade, não são significativamente diferentes para as três hipóteses consideradas. Os

resultados não variam muito com a distribuição ao longo do ano do consumo para irrigação. Apenas para a hipótese 3, onde há uma concentração do consumo anual de irrigação em apenas 3 meses, é que uma diferença mais representativa em relação às demais hipóteses é apresentada.

Comparando os resultados de confiabilidade obtidos nas simulações dos cenários 1 e 2, observou-se que não apresentam muita variabilidade. Uma pequena diferença foi observada entre os resultados referentes ao consumo no abastecimento urbano e industrial (2). Os índices de confiabilidade verde e de resiliência amarela, para o cenário 1, são de 82% e 81%, respectivamente. Com a instalação das três novas PCHs (cenário 2), esses índices passam a ser de 86% e 89%. Isto significa que o reservatório de Anhangüera, utilizado para abastecimento do consumo urbano e industrial (2), contribui para uma maior confiabilidade do sistema.

É importante ressaltar que como em qualquer modelo de simulação, os resultados obtidos dependem da validade dos dados de entrada. Entretanto, durante o levantamento de dados realizado nessa pesquisa, observou-se a grande dificuldade na obtenção de dados e a discrepância dos dados obtidos, principalmente em relação ao consumo de água na irrigação. Assim, em trabalhos futuros, é recomendada a realização de um levantamento de dados mais preciso, com coleta de campo e visitas a produtores rurais, para proporcionar resultados mais representativos.

De uma maneira geral, foi possível quantificar os usos e os parâmetros em relação à confiabilidade, resiliência e vulnerabilidade do sistema estudado, o que possibilita um planejamento de reservatórios à jusante das usinas em operação, PCHs Dourados e São Joaquim, a fim de atender a demanda para usos em irrigação, abastecimento urbano e industrial e geração de energia elétrica. Em eventuais crises com déficit hídrico, a quantificação e os demais parâmetros podem vir a ser úteis num eventual bombeamento de água para Dourados e São Joaquim.

REFERÊNCIAS

- BENETT, Michael et al.(1994). *Simulating Water Supply Systems of the Raritan Basin*. In: 21st ANNUAL CONFERENCE, ASCE, Denver CO, p. 433-436. Maio 23-26.
- CHUNG, F. I.; ARCHER, M. C.; Devries, J. J. (1989). *Network flow algorithm applied to California aqueduct simulation*. Journal of Water Resources Planning and Management, v. 115, n. 2, p. 131-147.
- Comitê da Bacia Hidrográfica do Sapucaí-Mirim/Grande. Relatório Zero: Diagnóstico da situação atual dos recursos hídricos e estabelecimento de diretrizes técnicas para a elaboração do plano da bacia hidrográfica do Sapucaí-Mirim/Grande. (CD-ROM). 1999.
- HASHIMOTO, T.; STEDINGER, J. R.; LOUCKS, D. P. (1982). *Reliability, Resiliency and Vulnerability Criteria for Water Resource System Performance Evaluation*. Water Resources Research, v. 18, n. 1, p. 14-20. Fev.
- IRAS – Interactive River-Aquifer Simulation (1994). Cornell University and Resources Planning Associates, Incorporated. Version: 1.00.
- KUCZERA, G. (1990). *WATHNET: "Generalized Water Supply Simulation using Network Linear Programming."* Dept. of Civ. Engrg. And Surv., University of Newcastle, Jul.
- LABADIE, J. W.; PINEDA, A.; BODE, D. (1984). *Network analysis of raw supplier under complex water rights and exchanges* Documentation for program MODSIM3, Colorado Water Resources Institute, Fort Collins, Colo.
- MAUAD, Frederico Fábio. (2000). *Planejamento Integrado de Recursos Hidroenergéticos: O Confronto de Usos Múltiplos da Água no Aproveitamento Hidroelétrico de Alqueva em Portugal*. 182p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Engenharia Mecânica, Universidade Estadual de Campinas.
- PEIXOTO, Luciana S. (2002). *A Utilização de Simulação Computacional no Gerenciamento de Usos Múltiplos da Água na Bacia Hidrográfica do Estado de São Paulo*. 130p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.
- Plano Estadual de Recursos Hídricos (2000-2003). Sistemas de Informações para Gerenciamento de Recursos Hídricos do Estado de São Paulo. (CD-ROM).
- Relatório Final do Projeto Básico: Aproveitamento Hidrelétrico do Rio Sapucaí.(2001). v.1 e 2. Desenvolvido pela Companhia Paulista de Força e Luz-CPFL e ENGELVIX Engenharia S/C LTDA.
- SIGVALDASON, O. T. (1976). *A Simulation Model for Operation a Multipurpose Multireservoir System*. Water Resources Research, v. 12, n. 2, p. 263-278. Abr.
- VAZ, C. (1984). *Modelos de Planejamento de Sistemas de Albufeiras em Condições de Incerteza*. Tese (Doutorado) – IST, Lisboa.
- TAYLOR, Marshall R.; LOUCKS, Daniel P.; FRENCH, Peter N. (1998) *Quantifying policy reliability, resilience and vulnerability in IRAS*. <http://www.englib.cornell.edu/col>.
- YEH, William W-G. (1985). *Reservoir Management and Operations Models: A State-of-the-Art Review*. Water Resources Research, v. 21, n. 12, p. 1797-1818. Dez.

Study of Multiple use Water Conflicts Using Computer Simulation

ABSTRACT

Water availability, in quantity and in quality, is undeniably important for the appropriate development of a region. Both deficit and excess of this resource are problems and must be given realistic and serious consideration. Therefore, effective actions regarding water resources planning and management are necessary, to guarantee the availability of water, aiming at the protection, recovery and conservation of this resource. In this paper an attempt is made to analyze the conflicts generated in the multipurpose reservoir system, in a river basin in the state of Sao Paulo, considering current and future scenarios, with the implementation of three small hydroelectric power stations. The reliability, resilience and vulnerability of the system are estimated by applying a computer simulation model.

Keywords: computer simulation; multiple water uses; water management water resources.